

Artes Visuais "Artes Visuais" disse e ouviu em 1978



Os dez artistas que expuseram no Museu de Arte Brasileira. Da esquerda para a direita: Takashi Fukushima, Cláudio Tozzi, Aldir Mendes de Sousa, Luis Gregório Cerillo, Newton Mesquita, Carlos von Schmidt (diretor da MASP), Gerardo Edson de Andrade e Paulo Bonafide (então diretor do Museu de Arte Brasileira). Acima: Marcos Cavaliere e Juraj Magnus. Abaixo: Diástri Ribeiro, Inácio Rodrigues, Rubens Gerchman, Antônio Sérgio Benvenuto e Ivald Gronatto.

Como foi ano que terminou hoje?

Artes Visuais iniciou e encerrou 1978 falando de vídeo-arte. Durante o ano, hoje vivemos seu último dia, a vídeo-arte teve uma presença marcante para nós, com os Encontros de Tóquio e de São Paulo. Em Tóquio de 24 de maio a 2 de junho, com a participação de José Roberto Aguilera em São Paulo, neste dezembro, de 13 a 20, com presenças internacionais. Ainda durante o ano Aguilera apresentou "tapetes" na galeria Arte Aplicada, em 23 de outubro, paralelamente à sua exposição de desenhos realizados no Japão e houve uma programação de vídeo, na Faculdade de Comunicações e Arte de USP, de 6 a 8 de novembro. Agora se anula, neste final de ano, o Festival de Vídeo-Arte Brasileiro, em abril próximo, no Bieno de Sidney (austrália) e jornadas interdisciplinares de vídeo no Centro Pompidou de Paris, de 15 a 18 de fevereiro, com a presença de Aguilera e Greta, que farão performances vídeo.

Este novo medium que Frederico Moraes profetizou não ter condições de sobreviver, por ser profundamente tedioso ("O Globo", 9/12/77), parece estar crescendo. Um considerável número de artistas, particularmente de São Paulo e rio, ele está se dedicando. Basta ver que no Encontro de São Paulo participaram quase trinta artistas brasileiros do vídeo.

Neste ano que hoje acaba as luzes, com exceção de Arcangelo Inanelli que obteve o grande prêmio da Bienal Ibero-Americana do México e realizou exposição na Galeria Cosme Velho e monumental retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Ibirapuera, não houve grande destaque. Ressaltam-se algumas mostras individuais dentro da Bienal Latino-Americana, que se sobressaíram pelo número de obras que se pode ver lado a lado, de artistas de importância (Antônio Henrique Amaral, Isaiel Pedrosa, Nibe Xandó, Glaucio Rodrigues, e Guilherme de Faria).

Dos artistas em galeria, poucos se destacaram. Antônio Dias (Arte Global e Luisa Strina), Doménico Calabrone (Skultura), Amílcar de Castro (Gabinete de Artes Gráficas), Antônio Augusto Marz (Grifo), Darel Valencius Lima (Cristina Faria), Fausto Reina Katz (Múltipla), Nicola Schiavini (Galeria de Arte Multiplá), Míra Vivianovs (Múltipla), Carmela Gross (Gabinete de Artes Gráficas), Lothar Haas (Arte Global), Alfredo Volpi (Cosme Velho), Iberê Camargo (Cristina Faria de Paula), Marcelo Grassmann (Grifo), a jovem Helielle Brill (Entreartes), Bruno Giovani (Skultura), Carlos Von Schmidt (Arte Global) e Luis Gregório (Bonfiglioli).

Merecem ser citadas as exposições de Graham, dos trabalhos de Axel Scheek e Carlos Oswald, dois monstros sagrados da arte.

Em 1978, houve algo assim como a acomodação dos estratos culturais, em busca do equilíbrio. Que via de regra leva a perturbações na superfície, turbulências e, por vezes, catástrofes.

Foi um ano rico de acontecimentos, alguns ameaçando desabar o mundo, um alerta de que são necessárias mudanças, é preciso espantar o pó, abrir as janelas para ventilar.

Foi um ano com fogo, brigas, discussões e artistas, muito pelo menos em São Paulo. Os argumentos estadiários e particulares (que entre nós só sobrevivem com verbas oficiais) se destacaram em São Paulo, Rio e na América Latina. Aliás, este foi o ano da latino-americanidade. Da eurobaria, com vistas às nossas origens indias e indígenas negras.

O MAM do Rio pas Torres Garcia, a glória do Uruguai, fora de campo, no maior desastre que se tem memória, levando o UMLAC (União dos Museus da América Latina e do Caribe) a votar e aprovar modelo com a profissionalização dos diretores-gerentes de arte do continente.

Ainda no Rio, a Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, que tinha por obrigação aceitar uma luta sem quartel, por um Salão Nacional que atendesse aos interesses dos artistas, muito pelo menos em São Paulo, acabou como um Funarte quis, dos destruídos dos dois anteriores, o moderno e o acadêmico. Nada mais que reconstrução de uma entidade sem personalidade dos diretores-gerentes de arte do continente.

1/1 — "Na verdade, eu penso, é que para se tornar uma alternativa da TV comercial, o vídeo tem que deixar os museus e recintos especiais para entrar nos ambientes privados de cada um" (Cacilda Teixeira da Costa).

22/1 — "Mas, o que eu quero insister é sobre a experiência do Nepal e o prosseguimento dos meus outros trabalhos em termos práticos e ideológicos" (Antônio Dias).

29/1 — "Nos, mexicanos e brasileiros, nos apartávamos dos outros latino-americanos que se apresentaram com pinturas sobre tela, no jargão mais tradicional da arte" (Gabriel Borja, sobre a Bienal de Paris).

3/2 — "A posição dos artistas plásticos contra a implantação do aeroporto internacional em Caucaia do Alto não é uma posição romântica ou poética, mas basicamente a de cidadãos que se apresentam em oposição ao desprezo um manancial e um patrimônio que é da coletividade" (Gilberto Salvador).

5/3 — "Podemos ter tido muito a dialogar com a delegação venezuelana que esteve na semana passada. Não fora a ausência de coordenação para o encontro, a inexistência de um tema em particular a ser enfocada, ou mesmo o individualismo que caracteriza todos os artistas em qualquer parte do mundo" (Aracy Amaral).

19/3 — "A própria convicção de que existe uma arte latino-americana, com características diferenciadoras, é uma grande dúvida. E a idéia de fazer uma Bienal Latino-Americana atrelada a um tema: Mitos e Magia, é outra grande dúvida" (Jacob Kintowitz).

26/3 — "De certo modo Bonafide pode ser tomado como um barômetro do período (década de 60), na medida em que sua sensibilidade inovadora captou, precocemente, todos os índices de mudança" (Lisbeth Gonçalves).

2/4 — Inge Roessler leva agora para o MAM cartões as fibras (taboas) em feixes, amarradas, sem qualquer tratamento. Não é mais tecido. Não é mais trama. Não é mais tapeçaria. Já que se distancia numa nova e "chocante" proposta" (Domènico Calabrone).

9/4 — "Tanto o tema 'Mitos e Magia' quanto o próprio regulamento, seu inevitável aumento massacrados de um lado e defendidos de outro, num grande bate-bate, tomando extremamente difícil um consenso, tal a heterogeneidade das pessoas presentes, em gênero, grau, número, cor, sabor e aroma sobre a reunião de intelectuais convidados para discutir conteúdo e política da Bienal" (Helielle Brill).

10/4 — "Encerrada a 10ª discutida 14ª Bienal de São Paulo, estamos no pólo de estacionamento da 14ª Bienal Latino-Americana. Bienal essa que tem a intenção de uma magia para impor seus mitos" (Francisco Arli).

16/4 — A Bienal que assumiu inteiramente a responsabilidade de decidir o tema "Mitos e Magia" e redigir o regulamento, se viu frente a um grave problema da escolha dos artistas que representariam o Brasil" (Aracy Amaral).

23/4 — "Esse Encontro (de Oaxaca, México) trouxe uma novidade: a vez que os latino-americanos, por suas dificuldades comuns, podem manter um fluído diálogo, vive e necessário, para se sentir articulado um trabalho comum, através de ajuda mútua" (Aracy Amaral).

30/4 — "O não está na berlinda. Menos o não e mais o sim. Podem ser censurados, dentro de um contexto artístico, em nome de uma moral que todos sabemos, tem via de regra duas versões, uma para uso interno e outra para uso externo" (A propósito da Exposição de Maria Celeste Bentley, vetada pelo MASP).

7/5 — "Uma das várias funções da ABAP (Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais) é justamente reunir os profissionais no setor e tentar organizar com eles um grupo onde se possa discutir amplamente os problemas desse setor" (Francisco Arli).

14/5 — Antônio Augusto Marz, completando no expressionismo da década de 60, evoluiu dos tons marrons para um colorido vivo, das figuras sombreadas para as pautadas, dos desenhos de linha e cores, ameaçando um geométrismo com evidentes conotações cubistas.

14/5 — "Este Encontro como lícito um homem ser levado a praticar a 'profissão' de pintor, desenhistas, gravador, ator, fotógrafo etc. Ele nunca fora um quadro por encomenda, a não ser que se possa ter uma identificação com o tema" (Darel Valencius Lima).

21/5 — "Tenho a impressão, que quando um artista fala da sua obra, corre o risco de criar uma distância na visão do espectador" (Renina Katz).

21/5 — "O naiif não é obrigatoriamente em artista, sem conhecimento algum de pintura" (Francisco Arli).

28/5 — "Num trabalho mais profundo, a cor não ajuda. Ela deve proporcionar uma redução qualquer. Os desenhos a cores não têm a mesma atmosfera. Com cores, o espaço é apenas topográfico" (Mira Chenel).

28/5 — "Os desenhos de Mira, uma série de paisagens absolutamente despojadas, em branco e preto, foram muito interessantes, pois agora vai ser exposta no GAG, não é de fácil acesso. Diríamos até sardadas compostas, simplificação do extremo, uma súria em que o charvari tempo a ornamentação topológica do pano de fundo (a propósito de performance "My name is not Joseph Beuys")

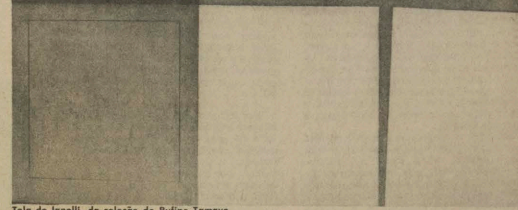
29/5 — "Acho impossível uma arte nacional e separatista" (Jacob Kintowitz).

11/6 — "Um confuso que se faz no Brasil a respeito do que é criatividae e técnicas para desenvolver essa criatividae, é comum" (Rafaela Abravanel).

18/6 — O trabalho de Gerardo é vigoroso e impressionante. Trabalho de crânio forma trôncio, sem lhe faltar profundidade, numa súria em que o charvari tempo a ornamentação topológica do pano de fundo (a propósito de performance "My name is not Joseph Beuys")



Telca Lanelli, da coleção de Rufino Tomoyko.



Renina Katz: excelente série "Carceres" no Múltipla.



Israel Pedrosa, no MASP, em Bruxelas e na Bienal.

ARTSUS: 10 ANOS DE CRÍTICA DE ARTE
JACOB KINTOWITZ
As críticas de Kintowitz em 1978.

29/10 — "Penso que qualquer coisa, por mais insignificante que pareça, qualquer ato, por mais banal e comum que seja, atua sobre nós e cria uma resposta, um ponto de partida para construir um universo plástico completo" (Nicolas Vivianovs).

29/10 — "Queremos levar à Bienal 400 mil pesos" (Roberto Duallini).

5/11 — "Mitos Vados tenta qualificar as alternativas que podemos criar para livrar-nos dos profícuos que temos com o sistema de coisas acumuladas em nossas cabeças" (Ivald Gronatto).

5/11 — Esta Bienal não deve do não precisa ser vista a partir de seu tema

5/11 — Das representações estrangeiras na Bienal, chamam a atenção os trabalhos da Bolívia (dueto-visual, gravuras e caixas) de muito boa qualidade e os da Argentina.

12/11 — "A Bienal, todos sabem, não tem infraestrutura e tudo funciona pelo esforço abnegado de algumas pessoas" (Jacob Kintowitz).

12/11 — "Nos propusemos a um trabalho experimental visando tanto a formulação da Cooperativa Geral para Assuntos de Arte como a um produto, que é exatamente este album "Estu Quatro Desenhos-tem Melhor" (Gabriel Borja).

12/11 — Mas, será que a criação do Salão Nacional de Artes Plásticas (este ano é o primeiro) foi a medida certa para se corrigir os erros dos dois anteriores? Certamente não.

26/11 — Depois de ter visto esta Bienal, tenho certeza de que os artistas latino-americanos têm muito a dizer. E como a literatura desta parte do mundo, que deu um grande alento à cultura mundial, as artes visuais também contribuirão de maneira importante" (Wladyslaw Javorska).

26/11 — Neste "Panorama" a premiação de Amílcar, com trabalhos de surpreendente beleza e condecorosa simplicidade, não pode sofrer restrição. Restrições que temos quando o artista obteve o prêmio pelos seus desenhos. Desenhos que abrem "ruínas" de projetos de escultura, além de meios de expressão gráfica.

16/12 — Disciplina, entre vários temas, a importância questão da não profissionalização de diretores de museus de arte, algumas vezes requisitados em áreas alheias, via de regra nos meios empresariais ou no "society", um grupo de diretores de museus (qualificados por sub-tilancos curriúculos) se reuniu em Vila de Leyva, na Colômbia, de 20 a 22 de novembro último, a fim de assinar a ata de constituição da UMLAC — União de Museus da América Latina e do Caribe.

17/12 — "Pinturas murais de Torres Garcia, de seu período construtivo, não existem mais no mundo" (Angel Kalenberg).

17/12 — "Farece que nesta Bienal muitos estariam formos apertocados, acabados, frutos maduros. Isso foi um erro. Esta Bienal foi a sementeira e não a colheita" (Hermes Bertrand Andruar, Ministro da Cultura de Honduras).

17/12 — "A Bienal, sem reuniões antecidadas com "experts" de todos os centros avançados da cultura, inclusive da América Latina, para definir as diretrizes teóricas de atuação, leva à arbitrariedade, à desinformação, ao cabotismo, às ações especuladoras, etc." (Sheila Leirner).

17/12 — "Não é possível que daqui em diante o dinheiro público seja esbanjado para rebalçar a nossa cultura. A Bienal deve sofrer revisão total" (Lisbeth Gonçalves).

Editor: FERNANDO CERQUEIRA LEMOS